

**MULHERES NO PICADEIRO: ARTE, GESTÃO, CUIDADO E MEMÓRIA DO CIRCO
CEARENSE**

ANA CRISTINA DIÔGO GOMES DE MELO

Cientista Social – Especialista em Permacultura – Pesquisadora em Cultura
Popular

JUAZEIRO DO NORTE – CEARÁ

2025

Mulheres no Picadeiro: Memória, Resistência e Inovação no Circo Cearense

Ana Cristina Diôgo Gomes de Melo

Cientista Social, especialista em Permacultura, pesquisadora em Cultura Popular e coordenadora da pesquisa participante “Mulheres no Picadeiro”.

Resumo

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa participante realizada com mulheres do circo tradicional e do circo social no estado do Ceará. A investigação teve como objetivo analisar as múltiplas funções exercidas por essas mulheres, reconhecendo suas contribuições como artistas, gestoras, cuidadoras, educadoras e guardiãs da memória. A pesquisa, desenvolvida de forma colaborativa, combinou métodos qualitativos como entrevistas, rodas de conversa, oficinas, diários de campo e análise documental. Ancorado em referenciais dos estudos feministas decoloniais, da pedagogia freiriana e da cultura popular, o estudo revelou não apenas as desigualdades de gênero presentes no cotidiano circense, mas também a força e a potência das mulheres na preservação e reinvenção da tradição circense no Ceará.

Palavras-chave: Circo. Mulheres. Cultura Popular. Pesquisa Participante. Patrimônio Imaterial.

Abstract

This article presents the results of a participatory research conducted with women from traditional and social circus environments in the state of Ceará, Brazil. The investigation aimed to analyze the multiple roles performed by these women, recognizing their contributions as artists, managers, caregivers, educators, and memory keepers. The research, developed collaboratively, employed qualitative methods such as interviews, conversation circles, workshops, field diaries, and document analysis. Based on feminist decolonial studies, Freirean pedagogy, and popular culture theories, the study revealed not only the gender inequalities in circus life but also the strength and creativity of women in preserving and reinventing the circus tradition in Ceará.

Keywords: Circus. Women. Popular Culture. Participatory Research. Intangible Heritage.

1. INTRODUÇÃO

O circo é uma manifestação cultural que une arte, tradição e itinerância, compondo um universo próprio de linguagens, saberes e modos de vida. No contexto brasileiro, o circo tradicional e o circo social se entrelaçam com a história de famílias que atravessam gerações, mantendo viva uma arte em constante transformação. No entanto, o papel das mulheres nesse universo tem sido historicamente silenciado ou invisibilizado. Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa participante desenvolvida com mulheres circenses do estado do Ceará, com o objetivo de visibilizar seus saberes, trajetórias e contribuições artísticas, educativas e administrativas.

A tradição circense no Brasil é marcada pela itinerância, oralidade, espetáculo e resistência cultural. No Nordeste brasileiro, e em especial no estado do Ceará, o circo constitui não apenas uma forma de arte, mas um modo de vida enraizado na cultura popular. Contudo, apesar da importância social e cultural do circo, a atuação das mulheres nesse universo segue sub-representada, especialmente nos registros históricos e nas políticas públicas de fomento à cultura.

Historicamente, o protagonismo feminino no circo tem sido ofuscado por narrativas masculinas, reforçando a invisibilidade das mulheres em áreas como gestão, ensino, transmissão de saberes, cuidados e criação artística. Para romper com esse silenciamento, esta pesquisa propôs uma escuta ativa e participativa das vozes femininas do circo, a fim de registrar, reconhecer e valorizar suas trajetórias. Como afirma Rita Laura Segato (2003), “é preciso desnaturalizar a invisibilidade feminina nas estruturas simbólicas e materiais da cultura”.

Neste sentido, a pesquisa “Mulheres no Picadeiro” surgiu com o objetivo de compreender as múltiplas dimensões da atuação das mulheres no circo cearense, com base em metodologias colaborativas e dialógicas. A proposta envolveu diretamente 8 mulheres entrevistadoras em uma imersão formativa realizada em Canoa Quebrada, Ceará, entre os dias 22 e 24 de outubro de 2024, culminando na produção de mais de 50 entrevistas em profundidade com mulheres de diferentes gerações, territórios e modalidades circenses, entre artistas, gestoras, cuidadoras, educadoras e guardiãs da memória. A coleta de dados incluiu entrevistas

semiestruturadas, rodas de conversa, oficinas de construção de roteiro, apresentações artísticas e observação participante

A metodologia utilizada foi a da pesquisa participante, inspirada em Paulo Freire (1987), centrada no diálogo e na valorização dos saberes populares, com ênfase nas epistemologias feministas decoloniais (Lugones, 2014; Hook, 2000). A pesquisa teve como eixo metodológico a escuta sensível, a troca de experiências, a construção coletiva do conhecimento e a devolutiva em forma de publicações e apresentações públicas.

2. OBJETIVO

O objetivo deste artigo é analisar o papel da mulher no circo cearense a partir de suas experiências concretas de vida e trabalho. Buscamos compreender como essas mulheres atuam como artistas performáticas, gestoras, transmissoras de conhecimento, cuidadoras e inovadoras. Além disso, pretende-se identificar os desafios enfrentados por elas, como o machismo, a precariedade das condições de trabalho e a falta de reconhecimento institucional.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

O presente estudo encontra sustentação teórica em quatro pilares interdisciplinares: a cultura popular, os feminismos decoloniais, a educação popular freiriana e as teorias de gênero propostas por Judith Butler.

Segundo Canclini (1995), a cultura popular é um campo híbrido onde se entrelaçam tradição e inovação, resistência e reinvenção. Neste contexto, o circo surge como um locus privilegiado para observar formas alternativas de organização da vida, da arte e da transmissão do saber. Para Gohn (2001), a cultura popular expressa formas de participação social que frequentemente escapam ao olhar institucional, mas que são fundamentais para a formação de identidades coletivas e para o fortalecimento de práticas de resistência social.

Do ponto de vista feminista, a perspectiva decolonial proposta por autoras como Maria Lugones (2014) e bell Hook (2000) orienta a compreensão do patriarcado como um sistema entrelaçado com a colonialidade, o racismo estrutural e as desigualdades de classe. Essas autoras propõem uma escuta atenta às vozes

subalternizadas e a valorização de saberes historicamente invisibilizados pelo colonialismo e pela lógica patriarcal.

Lugones (2014), ao propor o conceito de “colonialidade de gênero”, evidencia como a modernidade ocidental produziu a desumanização específica de mulheres negras, indígenas e pobres, desarticulando seus sistemas de organização próprios e impondo um modelo eurocêntrico de gênero. Essa leitura é essencial para compreender a trajetória das mulheres circenses do Nordeste brasileiro, especialmente aquelas de origem popular e afrodescendente, cujas práticas de cuidado, criação, liderança e resistência são frequentemente apagadas dos registros oficiais.

Complementando essa perspectiva, a teórica Judith Butler (1990) propõe uma crítica fundamental à naturalização das identidades de gênero. Em *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*, Butler argumenta que o gênero não é uma essência estável ou biológica, mas uma construção performativa, ou seja, um efeito reiterado de normas e discursos sociais. Essa concepção é especialmente útil para compreender como as mulheres circenses performam múltiplas identidades em suas práticas cotidianas: ora como mães e cuidadoras, ora como gestoras e artistas desafiando limites físicos e sociais, ora como líderes em estruturas organizacionais historicamente masculinizadas. Segundo Butler (1990, p. 25), “os atos, os gestos e os desejos produzem o efeito de uma essência de gênero, uma ilusão discursiva mantida para legitimar as convenções sociais vigentes”.

A teoria butleriana ajuda a entender como as mulheres do circo rompem com os binarismos de gênero e desafiam a matriz heteronormativa que ainda organiza parte significativa da tradição circense. Ao ocuparem os picadeiros, administrarem circos, cuidarem de comunidades e ensinarem suas práticas, elas reafirmam que as identidades de gênero são múltiplas, fluídas e construídas em constante negociação com o contexto social.

Do ponto de vista da educação popular, Paulo Freire (1987) propõe uma pedagogia crítica que parte da realidade vivida pelos sujeitos, reconhecendo sua linguagem, seus saberes e sua capacidade de transformar o mundo. Essa perspectiva orienta nossa metodologia e nosso compromisso ético-político com a escuta, a partilha horizontal e a valorização dos conhecimentos populares.

A invisibilidade das mulheres nas tradições populares é também discutida por Segato (2003), que analisa como o patriarcado atua não apenas na organização material da vida, mas na produção simbólica que marginaliza ou exclui as mulheres dos lugares de poder e de memória. Já bell Hook (2000) enfatiza que o feminismo deve estar enraizado nas experiências concretas das mulheres negras, pobres e periféricas, combatendo não só o machismo, mas também o racismo e a exclusão social.

Dialoga ainda com as contribuições de Leda Maria Martins (1995, 1997, 2003) acerca da oralitura, da performance e da ancestralidade, que permitem compreender o picadeiro como território de memória encarnada e reinscrita nos corpos.

Assim, a articulação entre esses referenciais nos permite pensar a presença das mulheres no circo como espaço de transgressão, de reinvenção de si e de produção de saberes não-hegemônicos, reafirmando o picadeiro como espaço de resistência e de subversão de normas sociais historicamente excludentes.

METODOLOGIA

A metodologia adotada foi a pesquisa participante, de caráter qualitativo, fundamentada na escuta ativa, no diálogo e na construção coletiva do conhecimento. Inspirada no método de Paulo Freire, privilegiou o universo vocabular das mulheres circenses e seus modos próprios de narrar.

4.1 Participantes

A pesquisa participante foi realizada entre agosto e outubro de 2024 e teve como ponto alto o I Círculo de Mulheres do Circo Cearense, ocorrido em Canoa Quebrada, com a participação de oito mulheres selecionadas como pesquisadoras multiplicadoras.

Técnicas utilizadas:

Rodas de Conversas

Oficina Palombando Histórias (I Ciclo de Cultura das Mulheres do Circo Cearense

Oficinas de formação para construção coletiva do roteiro de entrevistas;

Durante o período de novembro de 2024 a maio de 2025 foram realizadas as entrevistas por meio de WhatsApp.

O estudo envolveu cerca de 50 mulheres circenses do Ceará, abrangendo diferentes gerações, modalidades (circo tradicional e circo social). As interlocutoras incluíram artistas, gestoras, palhaças, acrobatas, trapezistas, cuidadoras e guardiãs da memória.

4.2 Procedimentos de coleta de dados

Formação inicial: realização do I Círculo de Mulheres do Circo Cearense (out. 2024, Canoa Quebrada), reunindo oito mulheres como pesquisadoras multiplicadoras.

Questionários: aplicação de 50 questionários estruturados entre nov. 2024 e mai. 2025, que permitiram mapear condições de trabalho, desafios e percepções sobre gênero e memória.

Entrevistas semiestruturadas: conduzidas presencialmente e via aplicativo de mensagens, totalizando mais de 50 narrativas em profundidade.

Rodas de conversa e oficinas: utilizadas para troca de experiências e construção coletiva do roteiro das entrevistas.

Observação participante e diário de campo: registro de práticas, rotinas e relações em diferentes circos.

4.3 Análise

Os dados foram sistematizados em indicadores temáticos: iniciação no circo, memória e tradição, cultura do cuidado, produção de espetáculos, inovação e transmissão de saberes, gênero e violências, espiritualidade e ancestralidade, polivalência e invisibilidade. As falas foram transcritas e organizadas como trechos

ilustrativos, respeitando autorização das participantes. O diálogo com o referencial teórico permitiu interpretar as narrativas, articulando experiências vividas e categorias analíticas.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados analisados foram organizados por indicadores temáticos, que emergiram das falas das mulheres e da sistematização dos conteúdos durante a pesquisa. A seguir, apresentamos a análise de cada indicador com a inclusão de gráficos descritivos e trechos dos depoimentos que ilustram os achados.

5.1. Indicador: Iniciação no Circo

A maioria das entrevistadas iniciou sua trajetória no circo ainda na infância, influenciada por familiares ou pela presença de circos sociais em suas comunidades.

“Finalmente chegou meu tão sonhado 7 anos [...] sempre via os mais antigos fazendo e sempre quis participar e aprender também.” – Vitória dos Santos Honorato

A presença de outras mulheres no picadeiro foi citada como fator motivacional decisivo para as mais jovens, indicando a força da representatividade feminina.

5.2. Indicador: Memória e Tradição

As mulheres do circo revelam um compromisso profundo com a preservação da história e das tradições. Muitas são descendentes de famílias circenses e foram formadas “no picadeiro”, através da oralidade e da observação.

“Tudo que eu sei aprendi com minha mãe, com minha avó... no circo a gente aprende vivendo.” – Dona Rosilda

A memória é também resistência contra o apagamento histórico. Personagens como Dona Cida Vilar, Zoalinde e Dona Uiara são reverenciadas como guardiãs dos saberes e como lideranças femininas na história do circo cearense.

5.3. Indicador: Cultura do Cuidado

O cuidado com os filhos, com os idosos, com os doentes e com o coletivo foi destacado como uma função essencial das mulheres no circo.

“Ser mãe no circo não é fácil. A gente cuida, ensina, alimenta, monta o espetáculo e ainda tá ali sorrindo no picadeiro.” – Maria de Lourdes Rocha Ribeiro

Elas também relatam desafios relacionados à saúde da mulher, à falta de acesso a ginecologista, ao cuidado na gravidez e à ausência de políticas públicas de proteção social para mães circenses.

5.4. Indicador: Produção de Espetáculos

Muitas mulheres acumulam funções na criação, direção e montagem dos espetáculos, mas raramente são reconhecidas como autoras ou gestoras.

“A gente faz tudo: arruma figurino, ensaia, limpa, organiza, e no final ainda sobe no trapézio. Mas na hora de dizer quem manda, falam o nome do marido.” – Girleide Feitosa Neves

O machismo institucional ainda estrutura a divisão do trabalho nos bastidores, sendo recorrente a diferença de cachê entre homens e mulheres.

5.5. Indicador: Inovação e Transmissão de Saberes

“Hoje passo a passar um pouco da experiência que eu tenho para crianças a partir de 7 anos, a idade que eu comecei.” – Vitória dos Santos Honorato

O ciclo de formação e transmissão é uma característica marcante do circo. As mulheres são responsáveis por ensinar, criar e renovar práticas, sendo também motoras de inovação artística e estética

5.6. Indicador: Gênero, Machismo e Violência

A desigualdade de gênero no circo cearense foi apontada como uma realidade persistente. A maioria das entrevistadas relatou episódios de machismo estrutural, invisibilização e sobrecarga de trabalho. Embora muitas exerçam funções centrais na administração, organização e performance, ainda enfrentam resistência em ser reconhecidas como líderes ou gestoras.

“Sou eu que dirijo o circo, sou eu que fecho os contratos, mas na hora que o pessoal chega perguntam: cadê o dono?” – Dona Cida Vilar

Além disso, situações de assédio moral e sexual foram mencionadas por diversas mulheres, embora poucas tenham formalizado denúncias por medo de retaliações ou por estarem em contextos de vulnerabilidade social e econômica.

“Já sofri assédio de um artista mais velho, quando era adolescente. Não contei pra ninguém. Tinha medo de ser culpada.” – Depoimento anônimo da pesquisa participante

A naturalização da violência, especialmente nos contextos de itinerância e isolamento, revela a urgência de políticas públicas específicas para proteção das mulheres circenses.

5.7. Indicador: Espiritualidade, Raça e Resistência

A pesquisa também identificou uma forte presença da espiritualidade como elemento de resistência e força identitária entre as mulheres do circo. O legado de Zoalinde Pereira Santana, conhecida como Rainha do Xangô, é um dos exemplos mais emblemáticos.

“Em casa de mulher viúva, ninguém manda. Quem manda sou eu.” – Zoalinde Pereira Santana

Mulher negra, matriarca e pioneira do circo teatro no Ceará, Zoalinde não apenas comandava seu circo com altivez, como transmitia às suas descendentes o orgulho

pela negritude, pela ancestralidade e pela força da mulher preta. Sua presença simboliza o entrelaçamento entre cultura popular, resistência e espiritualidade afro-brasileira.

5.8. Indicador: A Iniciação e a Herança

A maioria das entrevistadas relatou ter iniciado no circo ainda na infância, influenciadas por mães, avós, irmãs ou pela convivência cotidiana com a lona. Como afirmou Vitória dos Santos Honorato, do Circo Escola Canoa Criança:

“Finalmente chegou meu tão sonhado 7 anos [...] sempre via os mais antigos fazendo e sempre quis participar e aprender também”.

Essa relação precoce com o picadeiro confirma a tese de que o circo é um espaço de aprendizagem intergeracional, em que o saber é transmitido pela convivência, pelo afeto e pela observação prática.

5.9. Indicador: Polivalência e Invisibilidade

As mulheres atuam como artistas, cozinheiras, costureiras, administradoras, palhaças, mães, maquiadoras, iluminadoras e educadoras. No entanto, muitas dessas funções são invisibilizadas ou não reconhecidas como trabalho legítimo. Como destacou Poliana Simões:

“A mulher traz a beleza e a graciosidade para o picadeiro. Mas também cuida da comida, da bilheteria, do figurino...”.

4.3. Memória e Legado

A presença de matriarcas como Zoalinde, Dona Cida Vilar, Dona Mirtes, Dona Lúcia, Dona Uiara, Dona Lourdes Rocha, Dona Rosenilda, Dona Ideuzuite Pinheiro, Dona Gerileide Feitosa revela a importância da memória oral e da liderança feminina. Cada uma dessas mulheres representa um elo entre gerações, guardiãs da história e construtoras de comunidades. Como disse Louise:

“Quando os homens perguntavam quem era o dono do circo, minha bisavó dizia: ‘Pois não, senhor. Sou eu.’”

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa “Mulheres no Picadeiro” escancarou o que o patriarcado tentou calar: o circo no Ceará pulsa na força das mulheres. Elas não apenas sustentam as lonas, mas seguram a tradição, educam as novas gerações, criam beleza, enfrentam o machismo e reinventam o espetáculo com coragem.

Este estudo é um passo para construir uma historiografia feminista do circo brasileiro, capaz de reconhecer a contribuição vital dessas mulheres para a cultura popular. Que essa construção de conhecimentos se torne um instrumento de visibilidade, de reconhecimento e de política cultural afirmativa.

A partir desta pesquisa, ficou evidente que as mulheres são protagonistas da manutenção, renovação e resistência do circo cearense. Elas não apenas compõem o picadeiro como artistas, mas também o constroem como educadoras, cuidadoras, gestoras, guardiãs da memória e inovadoras. O silenciamento histórico e as desigualdades de gênero precisam ser enfrentados com políticas públicas específicas, reconhecimento institucional e valorização da cultura popular.

A pesquisa participante, inspirada em Paulo Freire, permitiu que as próprias mulheres circenses construíssem o conhecimento sobre si, tornando-se autoras de suas histórias e narradoras da memória coletiva.

Ao visibilizar essas trajetórias, reforçamos que o picadeiro não é apenas um espaço de espetáculo, mas um território político de luta, pertencimento, afeto e resistência das mulheres. Que esse trabalho contribua para a construção de uma historiografia feminista e popular do circo brasileiro, onde as mulheres, por direito, ocupem o centro da cena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (Obra original publicada em 1990).

CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1995.

DIÔGO MELO, Ana Cristina. Mulheres no Picadeiro – Catálogo de Pesquisa Participante. Ceará, 2025. (no prelo)

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal e cultura política. São Paulo: Cortez, 2001.

HOOKS, bell. O Feminismo é para Todo Mundo: Políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2000.

LUGONES, Maria. Colonialidade e Gênero. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 939-952, maio/ago. 2014.

MARTINS, Leda Maria. A cena em sombras. São Paulo: Perspectiva, 1995.

MARTINS, Leda Maria. Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá. Belo Horizonte: Mazza Edições; São Paulo: Perspectiva, 1997.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Letras (Santa Maria), n. 26, p. 63–81, 2003. DOI: 10.5902/2176148511881.

SEGATO, Rita Laura. As Estruturas Elementares da Violência: Ensaio sobre gênero entre o crime e o poder. São Paulo: UNESP, 2003.

ANEXOS

Fotografias do I Círculo de Mulheres do Circo Cearense



Figura 1- Grupo integrante da Pesquisa participante – Da esquerda para direita: Mayara Carvalho, Maria Clara, Rosenilda, Cristina Diôgo, Louise Santana, Rayara Santana, Rosângela Santos e de cócoras Vitória Honorato



Testando a entrevistas com as perguntas construídas coletivamente. A esquerda Rayara Santana e a direita Mayara Carvalho.



Figura 2 - Início da confecção do mini circo, que deu origem ao surgimento da expressão “palombando histórias”. Dona Rosenilda e Vitória Honorato, sendo registrada pela pesquisadora Cristina Diôgo.

Gráficos Temáticos

Mulheres do Circo de Lona

Primeiro Contato com o Circo

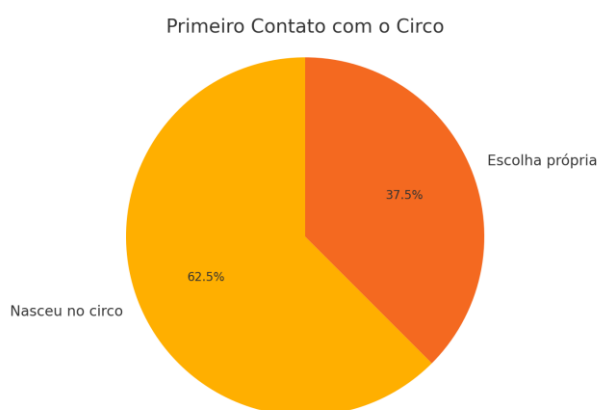


Figura 3 – Primeiro contato com o circo

A maioria das entrevistadas nasceu no seio de famílias circenses, evidenciando a força da tradição e da transmissão intergeracional. Já aquelas que entraram por escolha própria relatam encantamento com o espetáculo e superação de barreiras para adentrar um meio marcado pela linhagem familiar.

Machismo Vivenciado

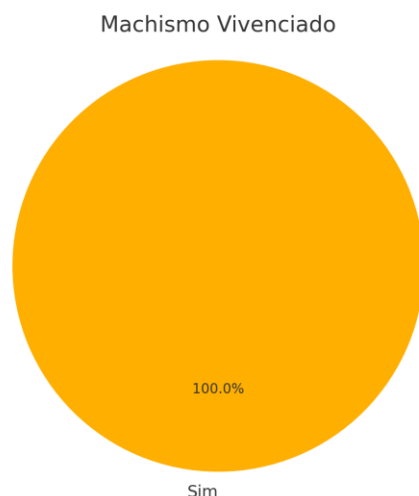


Figura 4 – Machismo vivenciado

Todas as entrevistadas relataram ter enfrentado situações de machismo, seja na forma de desvalorização artística, imposição de tarefas ou assédio moral/sexual. O dado reforça a urgência de ações educativas e políticas de equidade de gênero no universo circense.

Diferença de Cachê por Gênero

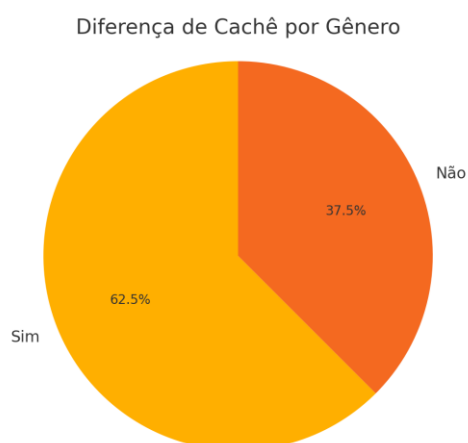


Figura 5 – Diferença de cachê por gênero

50% das mulheres relataram desigualdade nos pagamentos entre homens e mulheres. Esse dado demonstra que, mesmo realizando funções semelhantes ou

superiores, as mulheres seguem sub-remuneradas, reproduzindo a lógica de desvalorização do trabalho feminino.

Acesso à Saúde Ginecológica

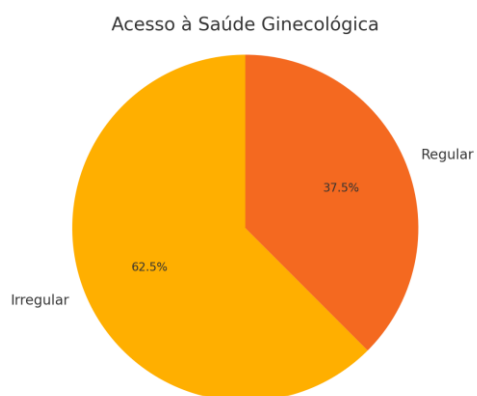


Figura 6 – Acesso a saúde ginecológica

A maioria das entrevistadas enfrenta dificuldades de acesso regular a serviços ginecológicos. A vida itinerante, aliada à baixa cobertura de políticas públicas específicas, torna o cuidado com a saúde uma das maiores vulnerabilidades das mulheres circenses.

Nível de Escolaridade

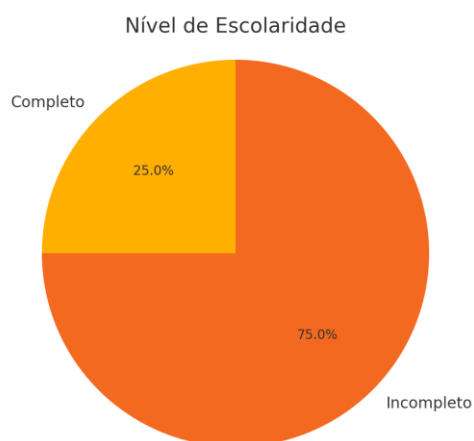


Figura 7- Nível de escolaridade

A baixa escolaridade formal é comum entre as entrevistadas. Apenas duas completaram o ensino médio. Isso reforça a importância de políticas de educação

itinerante e alfabetização para jovens e adultas no circo, bem como o acesso à educação sexual e digital.

Assédio Vivenciado

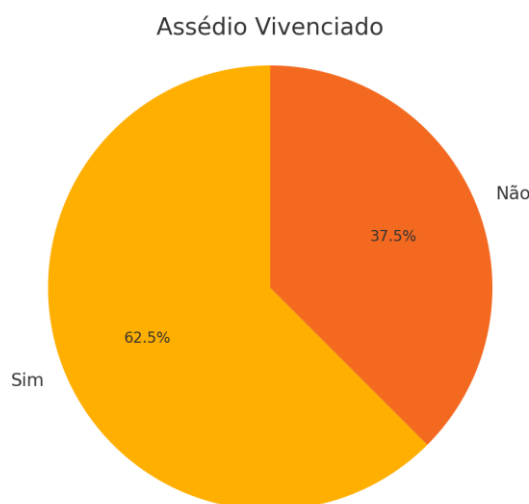


Figura 8 – Assédio Vivenciado

Mais da metade das mulheres relatou ter vivenciado assédio no ambiente circense. Isso inclui abordagens verbais, físicas e situações de intimidação. O dado pede reflexão urgente sobre segurança, protocolos de denúncia e acolhimento nas trupes.

Desejo de Dirigir Espetáculos

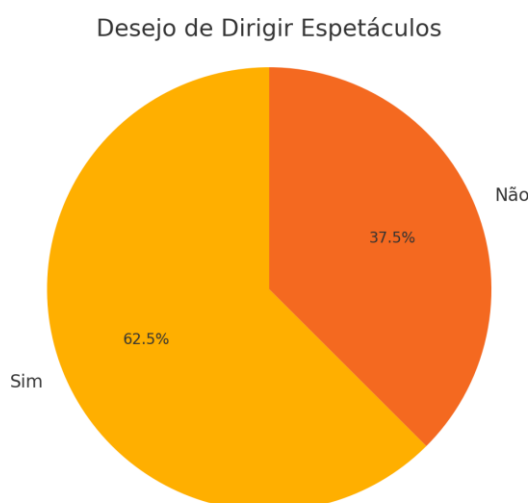


Figura 9- Desejo de Dirigir Espetáculos

Muitas mulheres expressaram o desejo de assumir papéis de liderança artística, como direção de espetáculos. Esse anseio demonstra que há um potencial criativo represado pela estrutura machista do circo, que ainda limita o protagonismo feminino na criação e gestão.

Mulheres do Circo Social

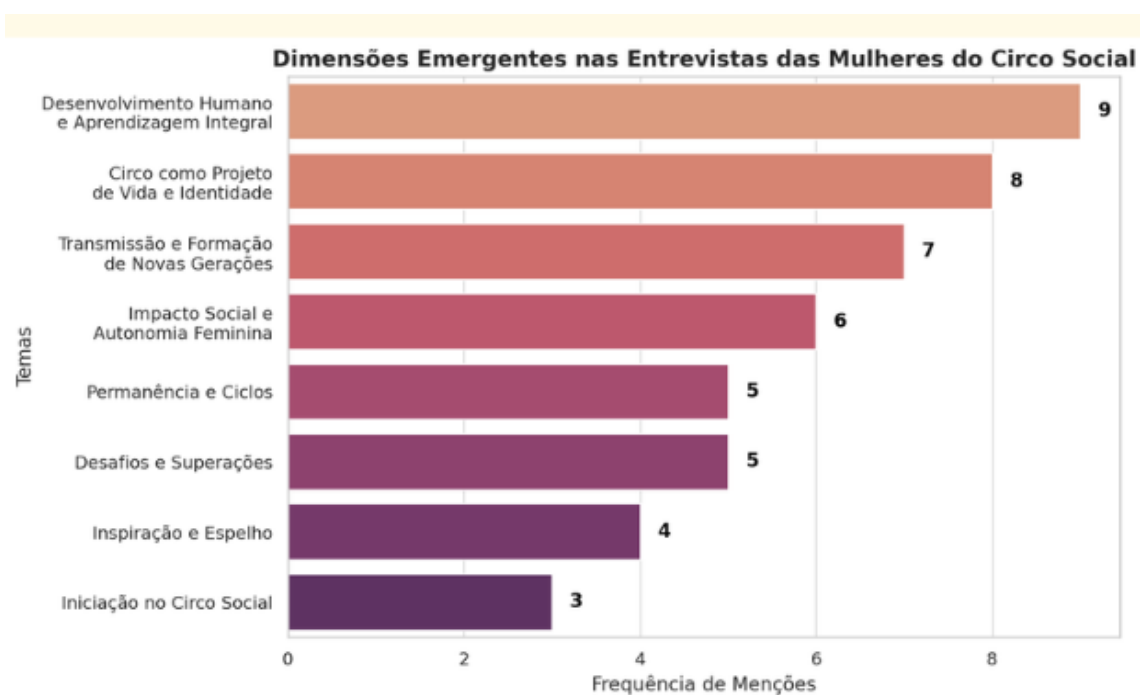


Figura 10 – Dimensões Emergentes nas entrevistas das Mulheres do Circo Social

Aqui está o gráfico com os principais temas emergentes nas entrevistas das mulheres do circo social. Ele representa visualmente as dimensões mais recorrentes nas falas de Vitória, Maria Clara e Poliana. Os destaques são:

Desenvolvimento Humano e Aprendizagem Integral e Circo como Projeto de Vida e Identidade, com maior frequência de menções, indicando o impacto profundo do circo social na formação emocional, social e ética dessas mulheres.

Transmissão de Saberes, Permanência e Ciclos, Desafios e Superações e Impacto Social e Autonomia Feminina demonstram como o circo social é também um espaço de liderança, resiliência e empoderamento.

Inspiração e Espelho revela o elo afetivo e simbólico entre as novas gerações do circo social e as mulheres do circo tradicional.

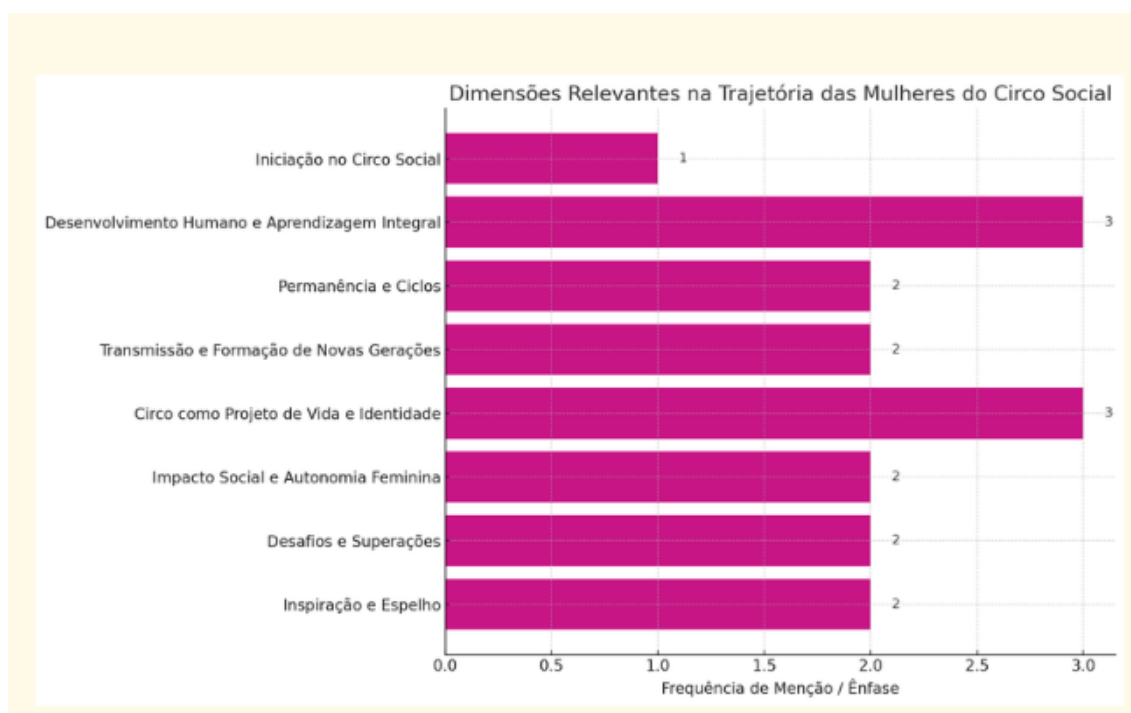


Gráfico: Dimensões Emergentes na trajetória das Mulheres do Circo Social